

O SERMÃO DA MONTANHA

(MT 5,7)

♦ Pe. Antonio Ferreira, cmf ♦

Entre os cinco grandes discursos do Evangelho segundo Mateus, que ecoam simbolicamente os cinco livros da lei (Pentateuco), o primeiro, o Sermão da Montanha (Mt 5-7), ocupa lugar central e programático. Ele funciona como porta de entrada para a compreensão de todo o ensinamento de Jesus e estabelece os fundamentos éticos, espirituais e comunitários do Reino dos Céus. Assim como Moisés sobe ao Sinai para receber a lei e transmiti-la ao



povo, Jesus sobe à montanha e, sentado como mestre definitivo, proclama a nova lei do Reino. Contudo, diferentemente de Moisés, Jesus não se apresenta como simples mediador, mas como aquele que fala com autoridade própria, revelando a vontade do Pai a partir de sua comunhão filial com Ele.

A afirmação de Jesus de que não veio abolir a lei, mas levá-la à plenitude (cf. Mt 5,17), é chave hermenêutica para todo o discurso. A lei mosaica encontra em Cristo seu cumprimento pleno, pois Ele revela o seu sentido último: conduzir o ser humano à comunhão com Deus e com os irmãos. A observância legal, quando separada do amor, torna-se estéril. No Sermão da Montanha, a lei é interiorizada, deslocando-se do simples cumprimento exterior para a transformação profunda do coração.

O Sermão da Montanha pode ser compreendido como o verdadeiro manifesto do Reino dos Céus, no qual Jesus apresenta os valores fundamentais que devem orientar a vida dos seus discípulos. As bem-aventuranças (Mt 5,1-12) abrem o discurso e funcionam como seu núcleo espiritual. Elas não são apenas promessas futuras, mas revelam já no presente a ação salvífica de Deus. Ao proclamar felizes os pobres em espírito, os mansos, os misericordiosos e os puros de coração, Jesus propõe uma felicidade fundada na dependência de Deus e na abertura ao próximo.

As bem-aventuranças delineiam, ao mesmo tempo, o retrato do próprio Cristo e o caminho do discipulado. O cristão é chamado

a configurar sua vida à de Jesus, assumindo um estilo de existência marcado pela humildade, pela mansidão e pela busca da justiça. Trata-se de uma espiritualidade pascal, que passa pela cruz, mas se abre à esperança da ressurreição. A promessa do Reino sustenta o discípulo em meio às perseguições e dificuldades próprias do seguimento.

Ao aprofundar os mandamentos, Jesus propõe uma justiça superior à dos escribas e fariseus (cf. Mt 5,20). Essa justiça ultrapassa o legalismo e exige a conversão integral da pessoa. As chamadas “antíteses” mostram que o pecado não começa apenas no ato exterior, mas na intenção do coração. O adultério nasce no olhar possessivo, o homicídio, no ódio silencioso e a mentira, na duplicidade interior. Assim, Jesus chama seus seguidores a uma ética da autenticidade e da verdade.



É pela ação do Espírito Santo que o discípulo pode viver as exigências elevadas do Evangelho, transformando a própria fragilidade em lugar de encontro com a misericórdia divina



Outro eixo fundamental do discurso é a misericórdia, expres-

sa de modo eminente no amor aos inimigos (Mt 5,44). Jesus rompe com a lógica da retribuição e da vingança, propondo um amor que reflete o próprio agir de Deus. Amar os inimigos não significa convivência com o mal, mas disposição para interromper o ciclo da violência e abrir espaço para a reconciliação. Nesse sentido, o Sermão da Montanha possui profunda dimensão social e comunitária, pois aponta para relações humanas regeneradas pelo perdão.

O discurso também aborda práticas centrais da vida religiosa, como a esmola, a oração e o jejum (cf. Mt 6,1-18), purificando-as de toda ostentação. Jesus ensina que a verdadeira piedade nasce da intimidade com o Pai, que vê o que está oculto. A oração do Pai-Nosso ocupa lugar central, revelando Deus como Pai próximo e cuidadoso e ensinando os discípulos a ordenar seus desejos segundo a vontade divina.

Por fim, o Sermão da Montanha convida à confiança filial na providência e à decisão concreta pelo Reino. Não se pode servir a dois senhores (cf. Mt 6,24), pois o coração humano exige uma escolha fundamental. A conclusão do discurso, com a parábola da casa construída sobre a rocha (cf. Mt 7,24-27), recorda que ouvir as palavras de Jesus exige colocá-las em prática. Assim, esse primeiro grande discurso de Mateus apresenta Jesus como o novo Moisés e, ao mesmo tempo, como o Filho que revela plenamente o Pai, chamando os discípulos de todos os tempos a uma vivência radical do amor.●